

# FH manda recado a países ricos

■ Presidente diz que globalização deve ser para todos e avisa que o Brasil denunciará à OMC barreiras impostas a produtos agrícolas

PAULO MUSSOI  
Enviado especial

LISBOA – Um recado direto para os países que tomam a frente do processo de globalização das economias no mundo mas insistem em proteger seus produtos da concorrência estrangeira. Foi esse o tom do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso ontem, no encerramento do 5o Fórum Euro-Latinoamericano, que discutiu a integração entre a União Européia e o Mercosul. “Vamos jogar o peso das nossas possibilidades para que construamos uma globalização que também seja favorável a nós. Falaremos forte na OMC (Organização Mundial de Co-

mércio), porque não vamos aceitar discriminação”, disse.

Fernando Henrique estava se referindo, mais uma vez, às barreiras impostas aos produtos agrícolas brasileiros na Europa e nos Estados Unidos. “Por mais que seja difícil, não vamos permitir uma negociação que exclua a agricultura”, disse o presidente. “E ainda temos os frangos, o suco de laranja, os suínos, a carne... há muita coisa que nós vamos colocar na mesa”. Esta semana, em Genebra, o presidente já havia lembrado que alguns países desenvolvidos gastam até US\$ 160 bilhões por ano em subsídios para proteger seus produtos agropecuários da competição externa.

O presidente alertou para o risco de a globalização só beneficiar os países desenvolvidos, deixando os mais atrasados atrelados a um “caminho único e sem escolha”. E acrescentou: “Temos que começar a pensar nos riscos da globalização. Não podemos pensar que só existe um modo para isso, e que os países não devam ter suas visões sobre a melhor maneira possível de construirmos as nossas instituições e orientarmos as nossas políticas”.

Para Fernando Henrique, países como o Brasil e seus parceiros do Mercosul “têm a obrigação moral” de seguir adiante com os seus processos industrializadores, “ir à OMC reclamar dos subsídios” e “brigar

com muita energia para que o regionalismo aberto não seja uma farsa”.

O “regionalismo aberto”, ressaltou, é prioridade na política externa brasileira. Para Fernando Henrique, o Brasil nunca esteve tão interligado comercialmente com seus vizinhos como hoje, e essas relações “não são uma complementação do mercado brasileiro, mas um modo de ser do Brasil na sua circunstância política e geográfica”.

Para exemplificar o que dizia, o presidente deu um bom sinal à Argentina na disputa que os dois países travam por uma cadeira com direito à voto no Conselho de Segurança da ONU. “O Brasil prefere uma boa relação com a Argentina do que uma cadeira no conselho de segurança”, afirmou.

## REGIONALISMO E GLOBALIZAÇÃO

### GLOBALIZAÇÃO

“Temos que começar a pensar nos riscos da globalização. Não podemos pensar que só existe um modo para isso, e que os países não devam ter suas visões sobre a melhor maneira possível de construirmos as nossas instituições e orientarmos as nossas políticas, de tal maneira que nós mantenhamos a nossa capacidade humana e histórica de decidir. A visão dinâmica da globalização – e não como um acontecimento fatal para a história – é muito importante. Não estamos diante de um mundo cerrado em que necessariamente se vai por um caminho. O caminho vai depender em grande parte do que nós construímos”.

### OMC

“Vamos jogar o peso das nossas possibilidades para que construamos uma ordem que também seja favorável a nós. Falaremos forte na Organização Mundial do Comércio (OMC), porque não vamos aceitar discriminação. Por mais que seja difícil, não vamos permitir uma negociação que exclua a agricultura, não vamos aceitar isso. Temos os frangos, o suco de laranja, os suínos, a carne, temos muita coisa que nós vamos colocar na mesa”.

### INDUSTRIALIZAÇÃO

“Não vamos abrir mão também dos nossos objetivos de desenvolvimento industrial. E não só o Brasil. Os países que estão hoje com um grau de desenvolvimento razoável têm a obrigação moral de seguir adiante

com os seus processos industrializadores, e nós vamos seguir. Vamos à OMC, vamos reclamar do subsídio dos outros e vamos brigar com muita energia pelo que é necessário para que o regionalismo aberto não seja uma farsa e que seja efetivamente uma coisa que permite o avanço concreto da nossa sociedade. Vamos ter que convencer”.

### ONGS

“Essa é a característica nova do mundo: estamos diante de um mundo que tem uma opinião pública. Um mundo no qual as organizações não-governamentais – que irritam tanto a nós que estamos no poder – são indispensáveis. Devemos deixar passar a irritação e compreender a função delas. Não para aceitar que elas assumam a função de estado, que não podem ser porque não têm a legitimidade do voto, mas sim para que se entenda que é preciso que exista a formação de canais que não são estatais mas que formam opinião. E nós vivemos hoje, talvez pela primeira vez na história, uma opinião que se forma além do quadro nacional”.

### INTERVENCIÓNISMO

Recentemente, os EUA não conseguiram fazer guerra contra o Iraque. E não conseguiram por quê? Porque a força no mundo de hoje não é suficiente para ser exercida por um governo se não houver consentimento das sociedades. Neste caso, a própria sociedade americana recusou a possibilidade de uso precipitado da for-

ça no Iraque. E ao recusar, abriu espaço para que muitos de nós recusássemos também, como o Brasil e a França fizeram”.

### MOEDA ÚNICA

“Vamos ter que avançar um tanto mais na institucionalização do Mercosul. Como o Brasil tem o maior mercado, vai ter que ter também a responsabilidade política de avançar. Mas falar, nesse momento, de moeda única no Mercosul, é uma coisa que está um pouco além do razoável. Entendo que o presidente Menem fale, porque convém apontar caminhos para o futuro. Mas nós, brasileiros, somos descendentes de portugueses: dificilmente damos o passo maior que a perna”.

### ALCA

“Vamos continuar discutindo com os Estados Unidos sobre a questão. Eu tive conversas bastante boas com o presidente Bill Clinton. E tive a alegria de ver o presidente americano, nos jardins do Palácio da Alvorada, de alguma maneira contrariar o que era o sentimento da burocracia americana, e dizer que sim, que o Mercosul era uma realidade para ficar. E que a interação futura do mercado hemisférico dependeria do aperfeiçoamento crescente do Mercosul, do Pacto Andino e do Nafta. E aí sim, com a possibilidade crescente de uma integração sólida desse vários focos, pois nunca passou pela nossa cabeça nada semelhante a uma fortaleza do Mercosul. Seria ridículo”.

### PENDÊNCIAS

“Não vamos transformar o caso das tarifas do suco de laranja na aduana de Nova Iorque num choque entre Brasil e Estados Unidos. Mas vamos gritar fortemente, como gritaremos com o Canadá sobre os aviões da Embraer. E onde for necessário”.

### ONU

“O Brasil prefere uma boa relação com a Argentina do que uma boa cadeira no conselho de segurança. É uma expressão clara para dizer da importância que nós damos a um relacionamento íntimo com os nossos vizinhos”.

### EUROPA X EUA

“É certo que a relação do Brasil com os Estados Unidos é uma relação construtiva. Agora, é indispensável a relação com a União Européia. O fato de nós nos juntarmos facilitará a integração com o Nafta. Facilitará outros processos integradores”.

### MERCOSUL

“O ideal integrador da América Latina não deriva de necessidades circunstanciais do clima ideológico-político. Não foi por causa da Guerra Fria, que ajudou a idéia de uma Europa unida. Foi por irmandade e por necessidade de nos unir, porque éramos muito fracos. Precisávamos integrar nossas economias para que tivéssemos escala, e pudéssemos sobreviver num mundo que nos era – e é ainda em grande parte – hostil”.